
ASSUNÇÃO DA AUTORRESPONSABILIDADE GRUPOCÁRMICA

Olivia Rochadel

Resumo.

O artigo está fundamentado na autopesquisa da autora pró irrompimento do ego intermissivista por meio do enfrentamento de dificuldades de percepção e parapercepção nas relações familiares. A metodologia utilizada é a autopesquisa a partir das premissas da Conscienciologia. O objetivo é retratar parte do processo de autopesquisa da autora em relação à desdramatização da vivência junto à família nuclear e a assunção da autorresponsabilidade grupocármica enquanto pressuposto evolutivo para qualificar a atuação pessoal na relação familiar. Ao longo do artigo, a autora lista 12 estratégias de atuação contributivas para a assunção da autorresponsabilidade grupocármica com vistas à autolibertação grupocármica. As estratégias adotadas têm gerado efeitos positivos, sendo esses: a aplicação de inteligência evolutiva no âmbito das relações grupocármicas, a afetividade sadia com os familiares, desenvoltura holossomática, reconhecimento do exemplarismo, avanços no processo de reconciliação com os pares e maior disponibilidade de tempo para tarefas Interassistenciais junto à outros grupos de convívio.

Palavras-Chave. Relações Familiares; Inter-relação Familiar; Interassistência grupocármica.

Introdução

Contexto. O presente artigo é estruturado a partir de autopesquisa da autora em prol de etapa importante na vida atual: o *irrompimento do ego intermissivista* – conceito lançado por Félix Wong:

Definição. “O *irrompimento do ego intermissivista* é a condição em que a conscin já equaciona as premissas básicas de sobrevivência; já compreende e assiste o grupocarma nuclear, conseguindo assim, exercício mais ostensivo, prático e prioritário das diretrizes básicas do *Curso Intermissivo* (CI) e da *proéxis*” (WONG, 2018, p. 26).

Provocação. A acepção de Wong esclarece que a melhoria do relacionamento com os membros da família é etapa importante ao irrompimento do ego intermissivista com vistas à retratação seriexológica junto aos pares e à adquirir maior liberdade para realização de tarefas proexológicas para além da família nuclear.

Autorresponsabilidade. O entendimento da evolução pessoal compreender ciclos de interação junto a grupos evolutivos e momentos singulares na história e parahistória pessoal com decisões de mudança para melhor e reciclagens intraconscienciais, auxiliou esta autora a perceber a melhoria das relações familiares a partir do esforço pessoal em busca de romper possíveis ciclos regressivos mantenedores da condição de interprisão.

Definologia. “A *quebra de ciclo familiar regressivo* é a ruptura de hábitos, tabus e conservadorismos ancestrais e anticosmoéticos da família nuclear, por meio da viragem evolutiva da conscin cúmplice condescendente, homem ou mulher, para assistente exemplarista, auxiliando na aceleração do ritmo evolutivo e na melhoria do holopensene grupocármico” (ROCHADEL, 2023, p.28.046).

Questionamentos. O aporte de leituras e debates conscienciológicos na vigília física e durante projeções conscienciais foram produtivos para substituição de questionamentos imbuídos de vitimização, por autoquestionamento evolutivo para elaboração da pesquisa apresentada neste texto: quais investimentos pessoais são necessários para desdramatizar a vivência familiar, tornando-a mais evolutiva?

Objetivo. O objetivo do texto é retratar parte do processo de autopesquisa da autora pró-irrompimento do ego intermissivista por meio da desdramatização da vivência junto à família.

Justificativa. A família nuclear é a primeira instituição na qual estamos inseridos a cada novo processo ressomático e, portanto, a relação com os pares nesse grupo é inevitável para o processo evolutivo das consciências. Nesse sentido, importa questionarmos: por quais motivos faço parte desta família? A necessidade de responder essa questão embasa o processo de autopesquisa da autora, parcialmente apresentado neste texto.

Estrutura. Seguindo desta introdução, organizou-se o presente texto em 3 seções:

- I. A família enquanto pressuposto ressomático.
- II. A assunção da autorresponsabilidade grupocármica.
- III. A desdramatização da vivência junto à família.

I. A família enquanto pressuposto ressomático

Papéis. Sendo “Cada integrante da família nuclear tem **papel** no cenário dramático, evolutivo, multirrevezamental. Os integrantes da família nuclear constituem o extrato do que pôde ser pinçado de todo o cabedal grupocármico interprisional, segundo a *Lei de Causa e Efeito*. A parentela, quando muito apegada ao holopensene social da família nuclear, ainda não tem indícios teáticos da transafetividade” (VIEIRA, 2014, p. 699, grifos do autor).

Hipóteses. A autora levantou hipóteses diversas sobre o enlace grupocármico da família atual. Os vínculos de vidas passadas foram basilares para a escolha pelo reencontro desta autora com os pares nas condições da vida atual. Logo, o apego e a cobrança pelo cumprimento dos papéis, considerando apenas a perspectiva de uma vida intrafísica, dificulta o conhecimento sobre a intraconsciencialidade dos pares e das nuances interprisionais da família.

Maturidade. A compreensão sobre a família sustentada por hipóteses multidimensionais e seriexológicas consiste em investimento na maturidade intraconsciencial pró-desfazimento do queixume e da vitimização sobre a família, contraposto por olhar sincero e fraterno sobre a realidade dos pares e possibilita a assunção da parcela de responsabilidade frente aos vínculos grupocármicos.

Autorresponsabilidade. Devido à facilidade da autora em sobrepair demandas do holopensene familiar em relação a apedeutia e a adicção, observou-se maior nível de lucidez para aplicabilidade de valores intermissivos e, portanto, maior responsabilidade por uma postura madura inspiradora de melhoria no holopensenes grupocármico.

Interassistencialidade. A evitação da cobrança deslocada junto aos pares possibilita saber que *quanto mais se doa, mais se recebe* e que a interassistencialidade é o princípio ativo da evolução consciencial. Para que a interassistencialidade aconteça é preciso empatia, intenção, vontade e desprovemento de egoísmo com vistas ao exercício da evolutividade pela convivência fraterna junto aos pares.

Decisão. A atuação assistencial no grupo familiar atual consiste em tarefa assumida em período intermissivo com objeto de aprendizagem conviviológica com vistas ao autodesenvolvimento didático sobre as etapas de recomposição e libertação do *curso grupocármico* junto aos membros da família, este sendo um dos pressupostos ressormáticos da vida atual.

Estágios. Eis na imagem a seguir os 5 estágios do curso grupocármico propostos com finalidade didática para identificação da dinâmica grupocármica pelo Professor Waldo Vieira (1932–2015) no tratado 700 Experimentos da Conscienciologia, acrescidos de manifestações conscienciais comuns a cada estágio:

Figura 1- Estágios do Curso Grupocármico



Fonte: elaborado pela autora com base em Vieira (2013, p. 626)

Autopercepção. A autoanálise em relação ao curso grupocármico possibilitou a autora reavaliar posturas de subnível evolutivo em relação ao planejamento traçado no período intermissivo, estudar estratégias de assunção da autorresponsabilidade grupocármica e desdramatizar a convivência junto a família.

II. A assunção da autorresponsabilidade grupocármica

Definologia. “A *autorresponsabilidade grupocármica* é o dever e a obrigação quanto ao compromisso firmado pela conscin intermissivista lúcida, homem ou mulher, em gerir teaticamente

a convivência interassistencial com o grupo evolutivo, aceitando e reparando os elos construídos e as consequências multiexistenciais dos atos praticados, pelo exemplarismo cosmoético” (SIMÕES, 2021, p. 6.285).

Autovivência. Na vivência da autora, a autorresponsabilidade grupocármica oportuniza senso de pertencimento ao grupo e certeza sobre a importância em fazer parte da família atual.

Liderança. Percebe-se a assunção da liderança interassistencial no grupo familiar enquanto expressão de autorresponsabilidade junto à família por meio da convivência sadia presencial e virtualmente em grupos da família, prática diária da Tenepes e aplicação da Técnica do Livro dos Credores Grupocármicos com períodos de maior atenção as demandas familiares.

Discrição. A condição de elo mais maduro, neste caso, não se dá pela necessidade de imposição de verdades ou de *modus operandi*. Vezes silenciosa e discreta autorresponsabilidade é assumida através da exteriorização de energias, pelo posicionamento sadio e a convivência respeitosa e pacífica.

Autesforço. No íterim das responsabilidades assumidas até o momento, a autora identifica que o autoenfrentamento e a autossuperação são basilares para melhoria da percepção e parapercepção na dinâmica das relações familiares, direcionando a pesquisadora para a condição de menos doente e mais assistente.

Estratégias. Eis 12 estratégias, listadas em ordem alfabética, que contribuem para a assunção da autorresponsabilidade grupocármica:

01. **Auscutatória.** Investir no *crescendo monovisão–cosmovisão* para melhor entender as dificuldades de convívio e realizar perscruta e reflexão, pautada na multidimensionalidade, serialidade e Cosmoética.

02. **Autopesquisa.** Leituras e participação em eventos conscienciológicos (cursos de campo, atendimentos consciencioterápicos) com objetivo de aprofundamento da autopesquisa, mapeamento das dificuldades de convivência e revisão das posturas pessoais junto à família. Sendo a autopesquisa “[...] a autopesquisa apresenta-se como chave imprescindível para deslindar o imbróglio grupocármico” (WONG, 2018, p. 25), a análise da manifestação pessoal multidimensional e seriexológica possibilita deslindar afinidades com os familiares.

03. **Autopercepção.** Listagem de valores intermissivos autênticos na manifestação pessoal independentes da mesologia familiar em prol do alcance de maior lucidez e emancipação consciencial da família nuclear.

04. **Autorressignificação.** Revisão das experiências familiares com vistas à superação dos traumas vividos e valorização das aprendizagens adquiridas junto aos pares.

05. **Autexposição.** Não guardar mágoas e ressentimentos sob a condição de segredo. Falar das relações familiares sem autopreconceito e vitimização, com intenção de dividir as aprendizagens evolutivas adquiridas nos momentos difíceis criando *sets autoconsciencioterápicos* sobre experiências didáticas junto à família.

06. **Exemplarismo.** “Um autoexemplo cosmoético vale por mil tentativas de esclarecimento” (BALONA, 2015, p.79). O investimento nas reciclagens existenciais gera exemplo evolutivo contraposto ao mau exemplo dado em vidas passadas e possibilita refazimento de vínculos e alavancagem do autogabarito evolutivo interassistencial.

07. **Gratidão.** Listar aportes recebidos da família, valorizando a dinâmica do *set interassistencial familiar*, desfazendo mágoas e identificando o saldo evolutivo das aprendizagens.

“A *gratidão reciclogênica* é a qualidade ou trafor da conscin, homem ou mulher, em reconhecer as aquisições ou recebimentos dos aportes existenciais e aplicá-los ao modo de técnica geradora, motivadora e sustentadora das reciclagens intraconscienciais, notadamente as deflagradas nos momentos de crise” (ABREU, 2016, p.17.519).

Chancela. No movimento de assunção da autorresponsabilidade grupocármica, a gratidão chancela o fato de evidenciarmos os traços força manifestos nos momentos difíceis vivenciados, a cosmovisão sobre o vínculo consciencial com os compassageiros evolutivos e a dinamização do perdão, a ponto de compreender o saldo positivo da convivência.

08. **Limite.** Estabelecer limites para a influência das patologias do grupo, bancando o processo de reciclagem pessoal sem melindrar ou ceder a cobranças. Exemplos: esclarecer sobre eventos discriminatórios entre membros da família, não responder a chantagens emocionais enquanto prerrogativa de afeto, não participar de rituais religiosos, não manter interações prolongadas com pessoas sob efeitos de drogas, não morar na mesma na casa, dizer não a pedidos oportunistas e a acumpliciamentos anticosmoéticos.

09. **Perdão.** Investir no autorrelaxamento conciliatório de não sentir mais o peso da mágoa nas costas, a dor no peito e o nó do rancor na garganta em relação a momentos vividos na infância fixados na condição de traumas, pela renovação do conjunto de pensamentos, sentimentos e energias em relação aos membros da família e ressignificação da história valorizando o processo de aprendizagem.

10. **Pertencimento.** Assunção da condição de minipeça no Maximecanismo Multidimensional Interassistencial e reconhecimento de outros grupos para além da família nuclear oportunizadores nessa vida de convivência sadia, tais como os amigos de profissão, a família consciencial e a família duplológica.

11. **Respeito.** Admitir e acolher as posturas imaturas enquanto ponto de partida para a assistência profícua. Sem respeito, atropelamos, retorquimos com a nossa verdade e geramos mágoas. Ninguém evolui por ninguém, consequentemente, é preciso respeito para poder assistir as consciências no momento evolutivo em que se encontram. Respeito é a base da maturidade.

12. **Tecnicidade.** Substituição da vitimização pela coragem em assumir o pioneirismo em relação decisões de destino importantes para a realização da programação existencial de maneira técnica. Por exemplo: estabelecer dupla evolutiva ao invés de casamento convencional; priorizar a rotina de estudos acadêmicos e conscienciológicos ao invés de priorizar o lazer pelo hedonismo.

III. A desdramatização da vivência junto à família

“**Família.** Dentre os estratos do **público-alvo**, a serem assistidos por você, nesta vida intrafísica, a família nuclear é o primeiro e mais prioritário. Contudo, em geral você há de deixá-la, no momento certo sem dependências, para se dedicar às tarefas evolutivas da sua consciência” (VIEIRA, 2014, p. 700).

Autolibertação. A assunção da autorresponsabilidade grupocármica possibilitou a esta autora a não carregar nas tintas as relações familiares, perder o medo de encontros em família e maior aproximação de ideias e pressupostos da autolibertação grupocármica, devido ao maior tempo para dinâmicas grupais de interação assistencial junto a grupos não restritos ao núcleo familiar.

Libertação. A vivência familiar desdramatizada auxilia na evitação de expectativas deslocadas e no abertismo para a convivência sadia que preconiza a liberdade consciencial (errar ou acertar).

Racionalidade. “Não é racional ficarmos escravizados aos **erros alheios**” (VIEIRA, 2014, p. 1282). O discernimento sobre a dinâmica familiar possibilita diferenciar o grupocarma de clãs ou times. Nesse sentido, atos antiéticos e anticosmoéticos de membros do grupo são evidências do passivo assistencial da família. E, a consciência intermissivista pode optar pela maneira a qual se conecta com este passivo assistencial: pelo medo, julgamento, submissão ou pelo realismo, traforismo e determinação evolutiva.

Intermissivista. Mas o que possibilita personalidades tão diferentes se conectarem por meio dos vínculos familiares? Na pesquisa, em desenvolvimento, a presente autora constatou que as conexões grupocármicas possibilitam retratações com consciências que representam grupos de convivência do passado e o desenvolvimento do *approach* assistencial para resgates na Baratrosfera.

“Dentro da família nuclear e dos seus círculos de relações, a conscin intermissivista lúcida poderá identificar diferentes perfis de consréus - consciências reurbanizadas - ressomadas a serem assistidas e esclarecidas. Essas personalidades são os embaixadores intrafísicos de um grupo maior de consciexes do nosso passado multimilenar. Portanto, representam a chave para o acesso à diferentes bolsões energéticos, com os mais diversos padrões de patologias conscienciais. O *rapport* a essas consciências, através do seu perfil pensênico, ajudará o intermissivista, líder interassistencial, a se qualificar enquanto atrator das consciexes afins” (BALTHAZAR, BITTENCOURT, SOUZA, 2014, p. 256, 257).

Desdramatização. Na pesquisa em andamento, a autora constata que a vivência, por hipótese, com consréus no grupo familiar revela a escolha em fazer parte de processos de Pararreurbanologia no período intermissivo – ou seja, a vivência familiar na vida atual é parte do planejamento evolutivo no período intermissivo. O conhecimento e o mapeamento de sinaléticas energéticas parapsíquicas a partir de holopenses de adicção, de religiosismo e belicismo possibilitam à conscin vivência pré-intermissiológica em prol do desenvolvimento de estofo energético, assistencial e cognitivo frente a estratégias e possibilidades de assistenciais pararreurbanológicas. A família, neste caso, é um laboratório de aprendizagem.

Afetividade. A autorresponsabilidade grupocármica pautada na autopesquisa e na autorreciclagem contribui para a extinção da pensenidade energívora, pois “A postura mental egocêntrica torna a conscin energeticamente insaciável, sem conseguir fixar a quantidade mínima de energia necessária ao autopropósito de vida [...]” (BALONA, 2015, p. 254). Assim, maneiras sadias de doação e recepção de afeto podem ser estabelecidas para consigo e junto ao grupo, substituindo relações de dependência, enredamento e leniência por trocas mais conscientes sobre a realidade pessoal e grupal. Sobre tudo, cabe ao intermissivista lúcido ser a fonte incessante do próprio afeto e transbordá-lo aos parentes não possuem inteligência emocional patrocinadoras das ectopias afetivas familiares.

Holossomática. A convivialidade sadia mais atenta às necessidades evolutivas pessoais e grupais, possibilita experimentar campos relacionais de menor tensão e maior aprendizagem. Assim, desbloqueios dos chacras se tornam possíveis, pois ao invés de ficar reprimida, retraída e frustrada a consciência pode expandir suas energias em busca de conexão com os pares e doação de energia pró-assistência.

Interassistência. A melhoria da relação junto aos membros da família acontece, quando, por exemplo, a pensividade antagônica, a cobrança, o medo de dar errado, a culpa, e o rancor pelos erros do outro, são substituídos por trocas diárias sadias, amistosas, doadoras, fraternas, com espaço para atenção e compreensão de microuniversos conscienciais contribuintes para a evolução dos envolvidos pelo esclarecimento e reeducação.

Exemplarismo. Aportada por ampliação de lucidez no *Curso Intermisso* (CI), a conscin intermissivista possui responsabilidade em evitar patologias automiméticas e mesológicas por meio de posturas esclarecedoras sobre a intencionalidade sadia de desfazimento interpriacional entre os entes do grupocarma.

Considerações finais

Divisor. A assunção da autorresponsabilidade grupocármica é tarefa a ser feita realizada por conscin predisposta à atuação de minipeça lúcida no *Maximecanismo Multidimensional Interassistencial*.

Autolibertação. Na experiência da autora, os trabalhos interassistenciais grupocármicos em andamento acerca da desdramatização das relações e do conceito de família permitem certo nível de autolibertação energossomática e psicossomática para participação ativa em grupos interassistenciais no âmbito profissional, no voluntariado, na rotina diuturna intrafísica junto aos vizinhos e amigos e na rotina multidimensional extrafísica.

Saldo. A desdramatização da vivência junto aos familiares no âmbito pessoal possibilita escolhas de vida desvinculadas de influência mesológica e holopenses nosográficos vinculados a família e, no âmbito grupocármico, contribui para atuação lúcida frente as realidades e pararealidades das consciências por meio do fraternismo e da interassistência.

Continuismo. A conscin intermissivista se faz necessária a elaboração e adoção contínua de estratégias de desdramatização da convivência junto à diferentes perfis conscienciais que a posicionem em condição interassistencial e possam dar conta evolutivamente da autolibertação grupocármica até chegar no patamar evolutivo de consciex livre.

Bibliografia Específica

1. Abreu, Renata. *Gratidão Reciclogênica*. Verbete, In: Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*, verbete 3881, apresentado no Tertulium/CEAEC, Foz do Iguaçu, PR em 19.09.2016. Disponível em: <<http://encylossapiens.space/buscaverbete/index.php>>. Acesso em: 01.12.2023. p. 17.519.

2. Balona, Malú. *Autocura Através da Reconciliação*: estudo prático sobre afetividade. 4 ed. Foz do Iguaçu: Associação Internacional Editares, 2015, p. 79, 254.

3. **Balthazar**, Alexandre; **Bittencourt**, Aline; **Souza**, Paula. *Pré-Intermissiologia como Técnica Pararreurbano-lógica*. *Conscientia*, 18(2), p. 252-259, abr./jun., 2014. p. 256, 257.
4. **Rochadel**, Olivia. *Quebra de ciclo familiar regressivo*. Verbete, In: Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*, verbete 6487, apresentado no Tertuliarium/CEAEC, Foz do Iguaçu, PR em 08.11.2023. Disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>. Acesso em: 08.11.2023. p. 28.046.
5. **Simões**, Alexandra. *Autorresponsabilidade Grupocármica*. Verbete, In: Vieira, Waldo; Org.; *Enciclopédia da Conscienciologia Digital*, verbete 5781, apresentado no Tertuliarium/CEAEC, Foz do Iguaçu, PR em 02.12.2021. Disponível em: <<http://encyclossapiens.space/buscaverbete/index.php>>. Acesso em: 05.01.2023. p. 6.285.
6. **Vieira**, Waldo; *Léxico de Ortopensatas*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 2 Vols.; 1.800 p.; Vols. 1 e 2; 1 blog; 652 conceitos analógicos; 22 *E-mails*; 19 enus.; 1 esquema da evolução consciencial; 17 fotos; glos. 6.476 termos; 1.811 megapensenes trivocabulares; 1 microbiografia; 20.800 ortopensatas; 2 tabs.; 120 técnicas lexicográficas; 19 *websites*; 28,5 x 22 x 10 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 626, 699, 700, 1282.
7. **Wong**, Félix. *Irrompimento do Ego Intermissivista*. *Homo Projector*, v. 5, n.2, jul./dez. 2018.– III Congresso Internacional de Autopesquisologia, 15 a 18 de novembro de 2018, Brasília, DF - Brasil. Anais... p. 25, 26.

